

# Fé & Nexo

Informação e reflexão para o povo metodista

## A África do Sul e o Metodismo

Mais de um milhão de  
membros fazem uma  
Igreja atuante no país



**Batismo Infantil: expressão de fidelidade a Deus**



# III CENPS

CONGRESSO EVANGÉLICO NACIONAL  
DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE



## RIO 2010

**Data**

4 a 7 Setembro 2010

**Local**

Instituto Metodista Bennett  
Rua Marquês de Abrantes, 55  
Flamengo | Rio de Janeiro

**Maiores informações**

Tel.: 21. 2771.2025

email: info@cenps2010.com.br

www.cenps2010.com.br

# SAÚDE INTEGRAL EM TEMPOS DE CRISE

## PRELETORES

- Pr. Ariovaldo Ramos
- Pr. Haveraldo J. R. Vargas
- Bispo Paulo Lockmann
- Rev. Guilhermino Cunha
- Rev. Maurício Price
- Pr. Israel Belo
- Pr. Rocindes Asas de Socorro

## INTERNACIONAIS

- Dr. Chrys Stein
- Dr. Paul Bendor-Samuel  
*Diretor Internacional da Interserve*
- Dr. Stephen Foster  
*Diretor Médico Geral do CEM, Lubango-Angola*
- Bob Snyder  
*MD International Health Services*

**Participantes:** Associação Missão Esperança - AME | Associação de Fanzadores de Tendis do Brasil - AFTB | Atletas de Cristo | Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos - CPPC | EVANGEMED | Rede FALE | Healthcare Christian Fellowship International - HCFI | ICMIDA - International Christian Medical Dental Associations | Movimento Igreja Responsável | Espiritualidade Ecológica OKOS | Rede Evangélica Nacional de Ação Social - RENAS | Somando com Cristo | Voz Pela Vida - ATINI | Apolite: Caixa Econômica Federal | Governo do Estado do Rio de Janeiro | Prefeitura do Rio de Janeiro | High Quality | Ordem dos Ministros Evangélicos no Brasil e no Exterior (OMEBE) | Instituto Metodista Bennett | Revista Ultramar | SASE

## TEMAS

- Saúde Integral e a Crise Estrutural
- Saúde Integral e a Crise da Ética do Ser Global
- Saúde Integral, a Crise, e os Apocalipses
- Saúde Integral e a Crise Estrutural

## SUB TEMAS

- Desigualdades Sociais e Saúde Integral no Brasil
- Ética Cristã e Diversidade Ética: Implicações para a Educação em Saúde
- Meio Ambiente, Ecologia, Ações e Práticas em Saúde
- Violência, Saúde Integral e Sociedade
- Metas do Milênio (Malaria, Tuberculose e AIDS)
- Hanseníase
- Missões Médicas e Desastres

Representantes e palestrantes  
de todas as organizações citadas  
em diversos WORKSHOPS

## ORGANIZAÇÕES PROMOTORAS

- ASAS DE SOCORRO | [www.asasdesocorro.org.br](http://www.asasdesocorro.org.br)
- MÉDICOS DE CRISTO | [www.medicosdecristo.org](http://www.medicosdecristo.org)
- LINES - UNIÃO NACIONAL EVANGÉLICA DA SAÚDE | [www.unesaude.hpg.com.br](http://www.unesaude.hpg.com.br)
- INTERSERVE - CEM (Viçosa) | [www.interserve.org](http://www.interserve.org)
- VISÃO MUNDIAL | [www.visaomundial.org.br](http://www.visaomundial.org.br)

## PROGRAMA



# Vida & Missão

O programa de TV da Igreja Metodista  
da Primeira Região Eclesiástica

Entrevistas  
Matérias  
Palavra de Deus  
Música

agora na



O Programa Vida e Missão está sendo veiculado em dois horários distintos  
em função das áreas de cobertura da emissora Band (RJ1 e RJ2).

Na área RJ1 (Rio e Grande Rio), ele é veiculado às 7h30 e na RJ2 (demais localidades) às 8h.



Arte: Frank Nuckless (21) 9757-2099

# Sumário

## Deixai vir a mim a crianças 4

*Carta aos leitores*

## O Reino de Deus no Judaísmo contemporâneo a Jesus 5

*Estudo e Reflexão*

## Carta do Colégio Episcopal – Parte IV continuação 7

*Documento*

## O batismo de crianças – O testemunho da história 9

*Metodismo*

## Metodismo na África do Sul 12

*Capa*

## Pastor Jorge: recordações de 28 anos de ministério 14

*História Viva*

### ERRATA

Na História Viva da edição março-abril/2010 da Fé e Nexo, intitulada *Ana Gonzaga: sinônimo de desprendimento e dedicação à causa social*, cometemos alguns erros ao produzir o texto a partir da matéria de João Wesley Dornellas, publicada no Jornal Avante de maio/95. A pedido do autor do artigo, registramos as alterações pertinentes. No texto em que relatamos um trecho da vida de Ana Gonzaga ainda menina, em vez de “ela teve um sonho no qual dirigia um bonde...”, leia-se: “ela teve um sonho em que se dirigia de bonde...”. Quando citamos a passagem de Ana Gonzaga pela Metodista de Vila Isabel, não afirmamos que ela foi membro da igreja. No entanto, para que não haja dúvidas com relação à informação, segue trecho do texto original: “No pastorado do rev. Osório Caire, ela encontrou – e encontrou-se – a Igreja Metodista de Vila Isabel”. Houve ainda um erro no ano de inauguração do orfanato Ana Gonzaga. O redator se baseou no texto original, publicado com erro anteriormente no Jornal Avante, que registrava “1º de maio de 1927”, quando o correto é “1º de maio de 1932”.

Revista da Igreja Metodista no Estado do Rio de Janeiro



## Expediente

**Bispo da Primeira Região Eclesiástica**

Paulo Lockmann

**Conselho Editorial**

Ronan Boechat de Amorim – coordenador,  
Selma Antunes da Costa, Deise Marques,  
José Milson Fabiano, Clóvis Paradela,  
Nádia Mello, Marcelo Carneiro  
e Paula Damas Vieira.

**Editora e jornalista responsável**

Nádia Mello (MT 19.333)

**Assistente de redação**

Paula Damas

**Revisão**

Evandro Costa

**Capa e Editoração Eletrônica**

Renato Ormond

**Circulação:** 10 mil exemplares

Esta publicação circula como suplemento do **Jornal Avante**, não sendo, portanto, distribuída separadamente.

## Calendário Litúrgico

**Junho - Julho - Agosto**

**Pentecostes (6ª estação)**

**Período:** 50 dias após a Ressurreição, até o primeiro domingo de setembro.

**Cor litúrgica:** vermelho – cor associada à alegria, ao amor, ao poder do Espírito.

**Temas básicos:** Deus Pai, Filho e Espírito Santo manifesto na Igreja. Capacitação para a missão.

**Símbolos litúrgicos:** tudo o que lembra ar/vento, fogo, pomba.

**Leituras bíblicas:** Dt 16.1-7, At 2, At 20.26, I Co 16.8.

# “Deixai vir a mim as crianças”

**D**eixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus”, (Mt 19.13). Esse é um dos textos usados pelo pastor José Carlos de Souza em sua abordagem sobre o batismo de crianças. Segundo ele, no Novo Testamento, não há nenhuma ordem expressa que autorize esse tipo de batismo. No entanto, também não há qualquer proibição do ato. “De qualquer modo, é incorreto interpretar tal silêncio em sentido categoricamente negativo, pois estudos exegéticos recentes têm indicado a probabilidade de que tal prática se impôs à Igreja Cristã logo em seus primeiros anos”, comenta o articulista. Ele recorre ao Antigo Testamento, a fatos ligados à Igreja Primitiva, a nomes como Lutero, Calvino e João Wesley para discorrer sobre o assunto. Segundo o autor, para Wesley “o batismo de crianças está em perfeita continuidade com o Novo Testamento”.

Se encararmos as crianças como o futuro de uma sociedade, compreenderemos melhor essa questão do batismo. Ainda segundo o articulista, esse ato encontra-se em harmonia com a primazia concedida à graça de Deus. “O batismo é, antes de tudo e substancialmente, obra de Deus – o Pai, o Filho e o Espírito Santo”. No caso da criança, a exigência de fé é cumprida com base na fé dos pais, da comunidade orante e da própria criança, que deve confirmar, no futuro, os compromissos batismais. Aqui podemos aplicar o texto bíblico que exorta os pais a ensinarem o caminho certo a seus filhos.

As convicções metodistas estão em todo o mundo e fazem diferença nas mais diferentes realidades e culturas. Vemos o contraste do continente africano, que vive em festa ao sul, com a Copa do Mundo de Futebol, mas sofre em quase toda a sua extensão. Mas com escolas, creches e escolas para refugiados, a Igreja Metodista também marca presença na África do Sul. O coração aquecido de João Wesley também conduz os sul-africanos. Nesta edição, pastor Odilon Massolar Chaves fala sobre o metodismo no país da Copa de 2010. Infelizmente, a população não tem sede apenas de bola. E estamos na expectativa de 2011, quando acontecerá a Conferência do Concílio Mundial naquele país.

Os bons frutos não vêm apenas da África do Sul. Em terras verde-amarelas, encontramos pessoas como o pastor Jorge Ferreira de Souza, 76 anos. Nas páginas de Fé e Nexo, ele recorda seus 28 anos de dedicação ministerial, com experiência em comunidades. “Tive o privilégio de acompanhar os primeiros passos na evangelização do Morro da Rocinha sob a liderança do bispo emérito Cesar Dacorso Filho”, relembra.

Seja onde for, temos que fazer valer os propósitos de Deus para a Igreja. Batismo (seja de crianças ou não) e a evangelização das nações estão entre eles.

Que Deus nos abençoe!

**Nádia Mello, Editora**

## BOA DICA



### Ovelha Magra

É o título do livro escrito pelo pastor Pablo Massolar. A publicação é o resultado de inúmeras reflexões postadas em seu blog. É de leitura agradável, cativante e ao mesmo tempo desafiadora. De uma forma muito simples e equilibrada, o autor consegue nos fazer refletir sobre nossa condição de ovelhas e também motiva aqueles que tem a responsabilidade de pastorear. Outras informações no blog [ovelhamagra.com](http://ovelhamagra.com), onde também é possível fazer download gratuito de outros títulos e e-books na íntegra.

# O Reino de Deus no Judaísmo contemporâneo a Jesus

Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann

## JUDAÍSMO FARISAICO – RABÍNICO

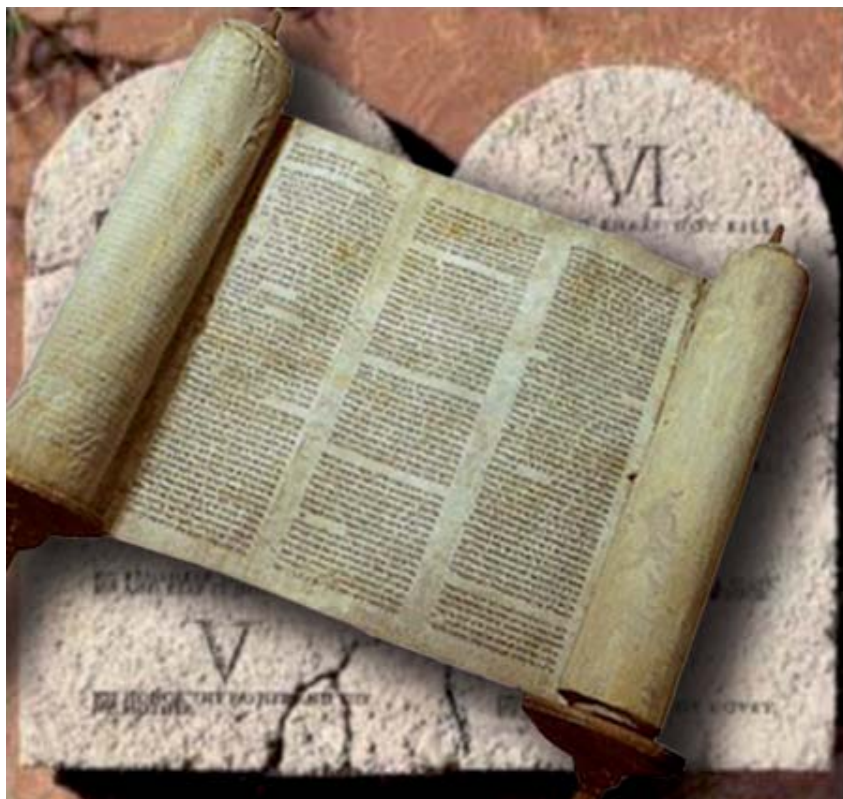
Esperavam ansiosamente pelo rei messiânico, o Ben David, que, por seu reino de paz, na história, libertará Israel do domínio do inimigo. Mas, ao mesmo tempo, são adotados elementos da escatologia cósmico-transcendental, sem que se procure ajustar os dois. A imagem a respeito dos eventos finais, criada pela escatologia rabínica, é ainda menos uniforme que a criada pela apocalíptica.

Como tudo, no farisaísmo-rabínico, o Reino de Deus é visto a partir da Lei. Ele é tratado por meio de duas fórmulas estabelecidas. A primeira, que provavelmente já era comum nos dias de Jesus, é a seguinte: assume-se “o jugo do reino do céu, ou o reino dos céus<sup>1</sup>.” Isso ocorre quando nos confessamos adeptos do monoteísmo e da Torah. Esse primeiro entendimento ocorre com a seguinte explicação histórico-teológica: Deus como criador do mundo foi também seu Rei; mas a humanidade não quis o seu domínio. Apenas Abraão e fundamentalmente Israel no Sinai aceitaram o seu domínio novamente. Reino de Deus, portanto,

é a reivindicação do Criador na Torah.

O segundo entendimento era de estilo haggadico, entrava possivelmente na época de Jesus nas orações das 18 preces (Talmud-babilônico), cuja 11ª era citada até duas vezes por dia por todo judeu piedoso, orava-se pela imposição breve e pública do Reino de Deus no mundo: “Traz novamente os nossos juízes como antes e sê rei sobre nós, tu somente.” Ainda nesta dimen-

são temos o Qaddis (O Santo), que era uma oração escatológica, segundo Jeremias, usada no término do culto na sinagoga da época de Jesus. Com algumas variações do Pai Nosso, repete algumas de suas petições. Era o seguinte o Qaddis: “Glorificado e santificado seja seu grande nome, no mundo criado por Ele segundo a sua vontade. Faça ele reinar seu senhorio, pelo tempo de vossa vida e por vossos dias e durante a vida



de toda a casa de Israel, em seguida e pronto. Louvado seja seu grande nome, de eternidade em eternidade. E disse isto: Amém!”

Finalmente, a síntese do pensamento farisaico-rabínico inclui que o Reino de Deus será erguido quando ele libertar Israel da escravidão sob os povos do mundo, por meio de poderosos sinais, históricos e cósmicos, e obrigar os homens a reconhecê-lo como Senhor.

### Para os Essênios e os Apocalípticos

A esperança dos essênios se concentra em dois vultos messiânicos. Raras vezes é mencionado o Reino de Deus explicitamente, na maioria das vezes, nos trechos dualistas que contém reflexões a respeito da luta entre Belial e Deus. No manual da guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das trevas, este confronto é visível, mas a soberania de Deus em seus santos é antevista muitas vezes: “Mas ao Deus de Israel pertencerá o reino, e nos santos do seu povo demonstrará poder” (I Q M 6.6). Também aqui, Reino de Deus é a reivindicação de Deus, resumida na Torah, reivindicação esta que é imposta com poder para salvação dos santos, para juízo sobre os demais, através da iminente vinda do Reino de Deus. O critério de santo é aquele do homem submisso a Deus e a sua lei. Este é o santo ou o filho da luz.

Nos apocalipses contemporâneos a Jesus, também é raro o termo Reino de Deus, pois além do texto de Daniel 7.10, que é citado em alguns apocalipses ju-

daicos, essa expressão não foi um conceito chave na Apocalíptica. Fala-se do “cón futuro”; esse conceito torna a ideia do Reino de Deus num segundo plano, pois enquadra a ação divina num processo cósmico.

### Conclusão

A ideia de um Reino de Deus que será erguido no futuro é conhecida a todos os grupos do ambiente judeu de Jesus; mas, por nenhum deles, é usa-

**“Reino de Deus, em Jesus, é uma realidade que já foi inaugurada por Ele e está crescendo na história, tendo por isso mesmo uma condição também futura.”**

da de modo tão compacto e central como em Jesus. Há dois aspectos, como no pensamento judaico quanto ao futuro Reino de Deus:

a) o Reino de Deus ainda não é dado como fato de Deus ser Senhor sobre o desenrolar da história; tem que ser erguido em oposição ao mundo. Isso ocorre por meio de um juízo final, como evento-escatológico;

b) sua realização provoca uma nova história para todos os que dela participem, especialmente para o povo de Deus. O criador é reconhecido por to-

dos como seu Deus; a sua vontade que transmite Shalom é feita.

Também para Jesus, o Reino é uma grandeza escatológica. Não concorda, entretanto, com os fariseus de que eles já tenham tomado sobre si o “jugo do Reino de Deus.” Também para ele, esse reino significa que a vontade de Deus é cumprida (justiça) de boa vontade e que tudo se torna são. Apesar disso, não podemos dizer que a pregação de Jesus sobre o Reino de Deus depende basicamente do judaísmo. Muito pelo contrário, os termos nos quais coloca o Reino são tremendamente inovadores. Diz Jesus: “O Reino de Deus é chegado.” Há na pregação de Jesus um irromper também presente do Reino, desconhecido do judaísmo de sua época.

Desse modo, Reino de Deus, em Jesus é uma realidade que já foi inaugurada por Ele e está crescendo na história, tendo por isso mesmo uma condição também futura. A questão colocada é: como pode o Reino vir ao mesmo tempo presente e futuro? Jeremias fala de “aurora de tempo da salvação,” ou seja, os sinais e a vida de Jesus são as evidências do presente do Reino, que caminha para sua plenitude na História.

<sup>1</sup> JEREMIAS, J., Tologia do Novo Testamento, p. 232.



**Paulo Tarso de Oliveira Lockmann**  
bispo da Igreja Metodista na Primeira Região Eclesiástica

# Testemunhar os Sinais da Graça na Unidade do Corpo de Cristo

## Carta do Colégio Episcopal – Parte IV (continuação)

**S**anta Ceia: o apóstolo Paulo somente faz menção a esse sacramento em 1 Coríntios 11.17-34. No entanto, o ensino é suficiente para instruir sobre a centralidade da Mesa do Senhor. Paulo enfoca o ensino contra os gnósticos, sublinhando a dinâmica do ensino bíblico: “Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha” (1Co 11.17). A Ceia do Senhor está intimamente ligada à morte de cruz. Ou ainda, nas palavras do acolhimento do nosso Ritual no Ato de Instalação da Ceia:

O Senhor Deus onipotente, nosso Pai Celestial, entregou Jesus Cristo, seu unigênito Filho, à morte de cruz, para a nossa redenção. E o Senhor, pela oferta de si mesmo, feita uma só vez, fez um sacrifício pleno, perfeito e suficiente pelos pecados de toda a humanidade; e instituiu perpétua recordação de sua morte, ordenando-nos, em seu Evangelho, que a continuemos até a sua segunda vinda. Portanto, agradecidos, consagramo-nos a Deus em resposta ao seu amor.

O apóstolo João inicia o seu Evangelho ressaltando: “O verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14). Interessante que João captou o ensino de Jesus anunciando: “Minha carne é verdadeiramente comida, e o meu sangue é verdadeiramente bebida” (Jo 6.55). “Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos” (Jo 6.63). João, também, reforça o ensino contra os gnósticos apontando que é a presença do Senhor vivo e vivificador e do Espírito Santo. No entanto, o Cristo Celestial não é outro senão o que “veio em carne”. Portanto, o cerne da mensagem que a Ceia proclama é a presença de Cristo e a prova verdadeira do seu infinito amor através do **sacrifício** feito uma só vez na cruz do calvário.

John Wesley, no dia 28 de julho de 1740, registra em seu Diário algumas pistas práticas sobre o Sacramento da Ceia do Senhor:

1) Que a Ceia do Senhor foi ordenada como meio para que os homens recebam a graça que nos impede de praticarmos o mal, a justificação e a santificação, de acordo com as suas diferentes necessidades;

2) que as pessoas a quem ela foi ordenada são aquelas que sabem e sentem que querem a graça de Deus, quer para impedi-las do pecado, quer para mostrar que seus pecados estão perdoados, quer para refazer a imagem de Deus nas suas almas.

3) que sempre vamos à sua mesa, não para dar-lhe qualquer coisa, mas para recebermos o que Ele achar melhor para nós, não para a preparação indispensavelmente necessária, mas um desejo de recebermos o que for do seu agrado dar-nos.

4) que não se exige condição adequada na ocasião da comunhão, mas senso do nosso estado total de pecaminosidade e de incapacidade de salvação. Todos os que sabem que es-

tão em condição de irem para o inferno, estão em condições adequadas a viverem a Cristo por meio desta, bem como todas as suas ordenanças.

O Colégio Episcopal reafirma que a Santa Ceia é o alimento da Igreja dispersa no mundo, para cumprir o mandato de Jesus: “fazei isto em memória de mim até que eu venha”. Ou ainda, na linguagem neotestamentária é: a “amamnesis”, ou seja, é uma lembrança que traz ao presente o que aconteceu no passado, na verdade, tornando-o uma realidade atual no dia a dia da comunidade de fé e serviço. A Santa Ceia é o caminho para a unidade cristã. Ele deve nos unir num sonho comum: o Reino de Deus entre nós, a salvação de todos, o amor e a misericórdia divina e a certeza que participaremos com Cristo no banquete final.

Por isso, o ensino do Apóstolo Paulo à Igreja em Corinto sobre a Santa Ceia nos convida a exercer os Dons e Ministérios numa perspectiva missionária. Nossos dons, nossos ministérios deverão convergir para a missão. A Mesa do Senhor é missionária: ela anuncia uma mensagem portadora de alegria, de vida, de partilha e de esperança. Igualmente, a Santa Ceia, no ensino paulino, é o grande convite à unidade da Igreja, Corpo de Cristo. Por isso, o que está presente na mesa é “O dom de Cristo, nosso salvador”, ou seja, a Sua graça que nos alcança, plenamente.

**Dons, ministérios, unidade:** O apóstolo Paulo tem muita clareza de que a comunidade, Corpo de Cristo, tem a dinâmica dos Dons e Ministérios conferidos pelo Espírito Santo (1Co 12.4-11). Ele afirma a amplitude e diversidade dos carismas, das realizações e dos diferentes ministérios no Corpo de Cristo, mas frisa que “O Espírito é o mesmo”. Portanto, ao falar sobre os sinais da graça não podemos esquecer que o Espírito do Senhor equipa a Igreja para a missão. Por isso, a Igreja Metodista no solo brasileiro nos últimos anos tem insistido que “Dons e Ministérios não é um programa. É um movimento conduzido pelo Espírito Santo, cujas raízes encontramos na Palavra de Deus”.

A Carta Pastoral sobre Dons e Ministérios, para orienta o povo metodista sobre os fundamentos desse modo de vida na Igreja. Ou seja, a descentralização dos cargos, ofícios, posições, status, para a dimensão do serviço ministerial. Relembremos os três grandes fundamentos ou eixos ali tratados:

**Graça:** Essencial para a vida cristã (Sl 63; Ef 2.1-10; 1Pd 4.10). Por isso, a graça é o fundamento de toda a existência. De nada valem Dons e Ministérios sem a experiência impactante da graça transformadora do Senhor. Nesse sentido, Wesley sempre perguntava:

“Tens a graça?”; “Tens os dons?”; “Tens os frutos?”;

**Dons:** a Palavra de Deus apresenta, primeiramente, que o próprio Deus é o Dom maior, presente em Cristo e na ação renovadora do Espírito Santo. Paulo ilustra muito bem a dinâmica dos dons em 1 Coríntios 12.1-31

**Ministérios:** Aqui, ministério significa **serviço**. O modelo de vida ministerial é o próprio Cristo (Fp 2.5-11). Por isso, precisamos ser moldados pelo caráter de Cristo e, nessa dimensão, construímos uma Igreja servidora. O escritor Kenneth C. Fleming, no seu texto “Ele humilhou-se a si mesmo: redescobrimos a esquecida arte de servir”, sublinha:

Cristo não apenas se esvaziou, mas tornou ‘a forma de servo’ (Fp 2.7), a saber, assumiu a natureza de um escravo. Em relação a Deus, o Senhor Jesus assumiu o lugar de um servo. Estava determinado a fazer a vontade de Deus em sua máxima expressão. A satisfação do Pai era a ordem que o impelia. Eis a atitude que nos convém assumir, a atitude de Cristo, que tomou a posição de sujeição e submissão total à vontade de seu Pai. Agora, devemos entregar-nos de maneira total ao Senhorio de Cristo, caminhar para o portal a fim de que nossa oreilha seja furada, e apresentar nosso corpo em sacrifício vivo (Rm 12.1).

# O batismo de crianças

## O testemunho da história

Pr. José Carlos de Souza\*

### NOVO TESTAMENTO

Não há, no Novo Testamento, nenhuma ordem expressa que autorize o batismo de crianças. Tampouco existe qualquer proibição! De qualquer modo, é incorreto interpretar tal silêncio em sentido categoricamente negativo, pois estudo exegéticos recentes têm indicado a probabilidade de que tal prática se impôs à Igreja Cristã logo em seus primeiros anos. Autores antigos, como Irineu e Orígenes, confirmam a tese, ao sustentarem tratar-se de “costume apostólico”. São evidências disso:

**1** – O batismo de famílias inteiras (At 10.2, 24, 44-48; At 16.15; At 16.30-33; At 18.8; 1 Co 1.16). Em seu discurso logo após o Pentecostes, em Atos 3.39, Pedro diz: “..para vós outros é a promessa, para vossos filhos, e para todos os que ainda estão longe...”. Embora não se mencione explicitamente a presença de crianças, ela não é inverossímil, como atesta o procedimento judaico semelhante no tocante ao batismo de prosélitos.

**2** – As figuras do Antigo Testamento que os escritos do Novo Testamento vêem relacionadas ao batismo, Dilúvio (1Pe 3.20-21) e Travessia do Mar Ver-

melho (1Co 10.1-2), acentuam a dimensão comunitária e solidária da salvação (cf. também 1 Co 7.14: noção coletiva de santidade).

**3** – O paralelo entre o batismo e a circuncisão (Cl 2.11-12) como sinais da Aliança que Deus, em sua graça, estabelece com o seu povo.

**4** – A importância da fé da comunidade: nem sempre a fé dos beneficiados pelos milagres de Jesus foi decisiva (Mc 2.5; Mc 9.14s; Mc 9.23s; Mc 17.19s; Mt 8.10). Evidentemente, isso não exclui a necessidade de uma opção posterior a favor de sua mensagem acerca do Reino.

**5** – A atitude de Jesus em relação às crianças (Mc 9.33-37; Mc 10.13-16; Mt 18.1-5; Mt 19.13-15; Lc 9.46-48; Lc 18.15-17; Mt 21.15-16, etc). Em particular, o emprego do mesmo verbo “impedir” ou “embaraçar” na passagem sobre a bênção aos infantes e nos relatos batismais do Novo Testamento (At 8.36; At 10.47; At 11.17; Mt 3.13-14; Evangelho dos Ebionitas 30.13) levou a Igreja Primitiva a situar a Palavra de Jesus a favor do batismo de crianças.

**6** – Certos autores sugerem que o clima de intensa expectativa escatológica vivido pelos primeiros cristãos favorecia igualmente a adoção do batismo in-

fantil. Em vista da urgência da hora e na expectativa do retorno glorioso de Cristo, era preciso, o quanto antes, incorporar-se, pelo batismo, à comunidade messiânica. Esse fator explicaria também porque o cuidado e extenso período de preparação para o ato batismal, tão caro no período posterior, fosse abreviado e simplificado.

**7** – Outro ponto decisivo é que a prática do batismo de crianças não está em desacordo com a visão total da teologia batismal neotestamentária. Antes, o contrário, ele encontra-se em harmonia com a primazia concedida à Graça de Deus. O batismo é, antes de tudo e substancialmente, obra de Deus, o Pai (At 2.39-41), o Filho (Ef 5.25s) e o Espírito Santo (1 Co 12.13). Daí ser administrado em nome da Trindade (Mt 28.19). A exigência da fé é cumprida, nesse caso, com base na fé dos pais (pensa-se nas crianças cujos pais são cristãos, e não numa prática generalizada e sem critérios), da comunidade orante (disso decorre o fato do ato batismal sempre realizado numa reunião celebrativa da igreja), e da própria criança que deve confirmar, no futuro, os compromissos batismais (essa é a razão da ênfase dada à educação na fé). É surpreendente, nesse

sentido, o comentário do teólogo batista Neville Clark: “Pode-se defender o batismo infantil à base da natureza escatológica do sacramento. Pode-se afirmar que ele tem um elemento inegavelmente proplético... que ele existe em vista da fé. Esse é um argumento poderoso...” (Apud. Brand, Eugene L – Batismo – Uma perspectiva Pastoral. São Leopoldo, Sinodal, 1982, p. 25).

### IGREJA PRIMITIVA

**1–** Pode-se conjecturar que o batismo de crianças tomou forma ainda no primeiro século da era cristã, com base de seu bispo, Policarpo (ano 156 dC), o qual, diante dos insistentes apelos para que renegasse a Cristo, declarou: “Há 86 anos que o sirvo e nunca me fez mal algum. Como poderia eu blasfemar meu Rei e Salvador?” Não é de todo improvável que o ancião pense a partir do batismo recebido na sua primeira infância (c. ano 70)!

**2–** O primeiro testemunho inequívoco do batismo infantil encontra-se, entretanto, na obra *Contra as Heresias*, de Irineu, bispo de Lião, na Gália, escrita entre os anos 180-185. Segundo cria, Cristo veio para salvar toda humanidade, ou seja, “a todas as pessoas que, através de si mesmo, renascem para Deus, lactantes e crianças, adolescentes, adultos e idosos. Por isso é que passou por todas as fases da vida: fez-se criança para com as crianças, santificando a infância...” (Adv. Haer. 2.22). A chave para a compreensão do texto é o verbo “renas-

cer” que descreve, na linguagem cristã, o ato batismal (Jo 3.3-7; Tt 3.5).

**3–** Tertuliano, de Cartago, escreve, por volta de 205, a primeira monografia sobre o batismo cristão, na qual atesta que a aplicação deste às crianças achava-se bastante difundida. Rigoroso e legalista, desaconselha, porém, esse costume, fundamentado não em motivos teológicos, e sim de ordem pastoral. “Se se compreende a importância do batismo, temer-se-á mais o recebimento que a protelação” (O Sacramento do Batismo, Petrópolis, Vozes, 1981, p. 67). De acordo com o mesmo princípio, advoga o retardamento do batismo das virgens, “pois têm tentações à frente”, e das viúvas, por causa de sua instabilidade (1 Tm 5.11-13). Nesse capítulo ainda, Tertuliano faz menção (pela primeira vez na literatura cristã!) da figura dos padrinhos e da invocação da bênção aos infantes (Mt 19.4), utilizada, então, como argumento para os que defendiam o batismo de crianças.

**4–** Na Tradição Apostólica, de Hipólito (Petrópolis, Vozes, 1981), onde se descreve a liturgia romana nos anos 225, o tema é abordado com naturalidade, sem quaisquer dúvidas. Estabelece-se a ordem do rito batismal: em primeiro lugar vêm as crianças; depois os homens e, por fim, as mulheres, de cabelos soltos e sem jóias. Pais e familiares apresentam-se como porta-vozes dos pequenos que ainda não sabem falar (p. 51).

**5–** Cipriano, bispo de Cartago, em meados do terceiro século, em corres-

pondência com outro bispo africano, discute sobre a ocasião em que se deve aplicar o batismo. O debate é sobre quando se deve aplicar o batismo (no oitavo dia, por causa da analogia com a circuncisão?), e não se ele deve ser aplicado! Na opinião de Cipriano, não existem razões para retardar o batismo, porquanto a circuncisão é apenas uma figura do que havia de vir e, ademais, nada falta aos recém-nascidos para receber o dom de Deus. Portanto, ninguém deve ser impedido de receber “a graça segundo a lei já estabelecida... E se algo pode impedi-lo, isto é por culpa dos adultos. Se estes, quando chegam à fé, obtêm a graça, quanto mais alcançarão aqueles que, como crianças, não têm culpa alguma!” (apud Grasso, Dominico. *Hay que seguir bautizando a los niños?* Salamanca, Sígueme, p. 47).

**6–** Outras referências significativas encontram-se na obra de Orígenes, importante teólogo da Escola de Alexandria (c. 184-254). Em três circunstâncias diferentes, comentando Lucas 2.22; Romanos 1.5, 9 e Levítico, ele se reporta ao batismo de crianças como uma ordenança apostólica, relacionando-o, além disso, à impureza na qual todos nascem (pecado original).

**7–** Os textos acima evocados deixam claro o alcance do batismo de crianças na Igreja dos primeiros séculos. Constata-se neles uma dupla motivação: uma positiva, no sentido de que o dom de Deus deve ser concedido o quanto antes às crianças; a outra nega-

tiva: o pecado original do qual devem ser purificadas. De todo modo, é patente a sua universalidade.

8– No século 4, porém, acaba-se impondo o hábito de protelar o batismo até a idade adulta. Todos os grandes escritores desse período (Basílio Magno, Crisóstomo, Ambrósio, Agostinho e outros) apesar de nascerem em lares cristãos, receberam o sacramento apenas na maioridade. Constantino, imperador que mudou o estatuto legal do cristianismo na sociedade romana, seria batizado somente na hora da morte. As razões são eminentemente pragmáticas (temia-se cair no pecado e, conseqüentemente, nos rigores da penitência) e não teológicas. É bom assinalar esse fato contra aqueles que simploriamente afirmam que a universalização do batismo infantil é resultado da constituição de uma Igreja multitudinária, isto é, de massas, à época de Constantino. A constantinização do cristianismo teria posto fim ao caráter confessante da Igreja cristã. Além do equívoco histórico, a prática da Igreja, nos primeiros séculos, demonstra eloquentemente, não haver qualquer incompatibilidade entre ser confessante (Cf. relatos de martírio) e aplicar o batismo às crianças.

9– Foi Agostinho (354-430) quem fixou a prática sacramental cristã e estabeleceu os seus fundamentos teológicos. Ele será ardoroso defensor do batismo de crianças, porém, irá vinculá-lo à doutrina do pecado original. A Igreja no ocidente não o questionará durante toda a Idade Média.

## REFORMA

1– Lutero expõe a sua doutrina sacramental em diversos escritos, notadamente no *Cativeiro Babilônico da Igreja* e nos *Catecismos Maior e Menor*. Para ele, o batismo infantil testifica a salvação pela Graça. Com extremo didatismo, Lutero recomenda que, aos simplices, deve-se ensinar que tanto a história quanto a experiência revelam que Deus aprova o batismo de crianças, já que o Espírito Divino não foi retido a muitos que receberam o sacramento na meninice. Aos doutos, continua ele, é preciso esclarecer que não é a fé que confere eficácia ao ato batismal, e sim a Palavra de Deus. A essa altura, o reformador opõe-se aos entusiastas, que condicionam a eficácia batismal à fé, e argumenta: “se eu não creio, segue-se que Cristo nada é”. Para concluir: “...o abuso não suprime a substância, senão a confirma” (Cf. “*Catecismo Maior*” in *Livro de Concórdia*. São Leopoldo, Sinodal/Concórdia, 1980, p. 482-3). Em suma, Lutero não somente incorpora a tradição cristã primitiva como critica os adversários do batismo de crianças.

2– Calvino segue a mesma orientação e se ocupa extensamente dessa questão em sua obra magna, precisamente, no livro IV, capítulo 16 das *Institutas* (na edição portuguesa, p. 304-338). Ele retoma e aprofunda princípios bíblicos e patrísticos; refuta, uma a uma, as objeções contrárias ao batismo infantil (15 argumentos anabatistas e 20 de Miguel Servetus); e finaliza afirmando que se deve ver

essa prática como sinal da “abençoada provisão divina a reclamar profunda gratidão” de nossa parte.

3– Wesley se insere na mesma tradição. Para ele o batismo de crianças está em perfeita continuidade com o Novo Testamento. Aliás, ele acreditava que a palavra neotestamentária “casa” certamente incluía crianças pequenas, como também julgava difícil supor “que os judeus, que estavam acostumados a circuncidar os seus filhos, não o dedicassem agora a Deus pelo batismo” (Notas sobre o Novo Testamento, At 16.15). Wesley estava consciente de que é Deus quem inicia a obra de regeneração em nosso coração (primazia da Graça), porém, reconhecia que o seu propósito se cumpria plenamente somente quando lhe respondemos positivamente, através do novo nascimento. Daí, afirmar categoricamente que “se não o experimentarmos, nosso batismo não respondeu ao objeto de sua instituição” (Idem, Cl 2.12). Destaca-se, nessa passagem, o caráter proléptico, escatológico, do batismo, ao qual aludiu-se anteriormente.

Enfim, vale assinalar, a modo de conclusão, que a Igreja Metodista no Brasil, ancorada nessa longa tradição, reconhece a prática do batismo infantil como expressão de sua fidelidade a Deus, que “deseja que todos sejam salvos” e o afirma categoricamente em seus documentos (Cf. *Cânones da Igreja Metodista*, 1998).

\* **Pastor metodista na 3ª Região Eclesiástica**

# Metodismo na África do Sul

Pr. Odilon Massolar Chaves \*

A história da África do Sul está definitivamente marcada pela ação do metodismo. Seu principal líder, Nelson Mandela, foi o presidente que acabou com a segregação racial no país. Ele é metodista. Ganhou o Prêmio Mundial Metodista da Paz e Prêmio Nobel da Paz. Sendo o primeiro negro a assumir a presidência da África do Sul (1994-1999), Mandela comandou a transição do regime de minoria no comando, o apartheid, ganhando respeito internacional por sua luta em prol da reconciliação interna e externa.

A África do Sul também está marcada por outro metodista negro. O Hino Nacional sul-africano foi composto por um jovem metodista chamado Enoch Mankayi Sontonga. Ele foi o compositor de *Sikelel 'iAfrika Nkosi* (Deus abençoe a África). A partir de 1925, a composição tornou-se Hino Nacional do país. Tanzânia e Zâmbia também o adotaram com hino oficial.

Enoch Sontonga nasceu na cidade do Uitenhage, no Leste do Cabo. Formou-se professor na instituição Love-

dale e, posteriormente, participou da Missão Metodista na Escola Nancefield, perto de Joanesburgo. Ele também foi maestro e fotógrafo. Ele viveu apenas 32 anos (1873-1905), mas deixou para sempre sua marca.

O primeiro verso e coro de *Sikelel 'iAfrika Nkosi* foram compostos em 1897. No entanto, a música foi cantada pela primeira vez em público em 1899 com a coordenação do reverendo Bowneni, um pastor metodista. Posteriormente, o poeta Xhosa Samuel Mqhayi acrescentou mais sete versos.

## IGREJA METODISTA DA ÁFRICA AUSTRAL

A África Austral é a parte sul do continente banhada pelo Oceano Índico na sua costa oriental e pelo Atlântico na costa ocidental. Normalmente, considera-se a África Austral formada pelos seguintes países: África do Sul, Angola, Botsuana, Lesoto, Madagáscar, Malavi, Muarícia, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Zâmbia e Zimbábue.

Entre os primeiros missionários na África do Sul estavam Barnabé e

William Shaw. O maior grupo era a Igreja Metodista Wesleyana. No entanto, houve uma série de outros que se uniu para formar a Igreja Metodista da África do Sul, mais tarde conhecida como Igreja Metodista da África Austral.

A Igreja Metodista da África Austral opera em seis países do subcontinente: Botswana, Lesoto, Moçambique, Namíbia, África do Sul e Suazilândia. No último censo sul-africano, 2,5 milhões de pessoas reivindicaram uma afiliação religiosa com a Igreja Metodista. Na África do Sul são 1.7 milhão de membros, 750 pastores e 338 congregações. Os Católicos representam 7.1% da população, os Metodistas 6.8%, Igreja Reformada 6.7% e a Anglicana 3.8%, entre outras.

## VISÃO E MISSÃO DO METODISMO

A visão da Igreja hoje é: “Uma África curada por Cristo para a cura das nações”. Sua missão: “Deus chama o povo metodista para proclamar o Evangelho de Jesus Cristo para a cura e transformação”.

## IMPERATIVOS DA MISSÃO DO METODISMO

### Evangelismo e Crescimento da Igreja

Convidando as pessoas para a fé pessoal em Cristo e no Evangelho, a fim de que pertençam à comunidade de fé como discípulos, plantando novas comunidades, especialmente em assentamentos informais urbanos, e novas congregações multiculturais.

### Justiça e Serviço

Para promover os valores da justiça, unidade, reconciliação e a cura dos males nacionais, físicos, ambientais e sociais. Ser compassivo de Cristo e ter as mãos estendidas em todo o mundo.

### Desenvolvimento Humano e Econômico

Os cuidados e o crescimento das crianças, a situação dos pobres, educação e qualidade de vida para a construção da nação.

### Sua história

O metodismo na África do Sul começou como um resultado da postura de trabalho cristão por um soldado do regimento irlandês/inglês, John Irwin, que começou a realizar reuniões de oração na cidade do Cabo em 1795. O primeiro pregador leigo metodista no Cabo, George Middlemiss, era um soldado do regimento do Exército Britânico estacionada no Cabo, em 1805. Em fins do século 19, o trabalho foi estendido para a zona das minas de ouro, em Gauteng, e para o norte através do moderno Limpopo, em Zimbábue. Seis

distritos missionários da Igreja Metodista Wesleyana se tornaram uma conferência afiliada em 1883.

Uma conferência independente foi constituída em 1927 e alargada em 1931 para incluir o Distrito Missionário Transvaal da Conferência Britânica e a pequena Missão Metodista Primitiva. A conexão opera hoje em seis países: Botsuana, Lesoto, Moçambique, Namíbia, África do Sul e Suazilândia.

O MCSA (*Methodist Church of Southern África*) rejeitou a ideologia apartheid desde o início e foi um crítico vocal da política governamental ao longo de toda a supremacia nacionalista. Face à pressão do governo de dividir ao longo das linhas raciais, a conferência declarou em 1958 a sua “convicção de que é a vontade de Deus para a Igreja Metodista que ela deveria ser una e indivisa, confiando na liderança de Deus para levar este ideal para a última fruição” .

Seis anos mais tarde, o primeiro africano para servir como presidente da conferência foi eleito. A vida do MCSA reflete as estirpes e tensões de um apartheid social. Apesar disso, a conferência, o executivo de conexão e os sínodos têm sido desde há muito tempo não racial. O ideal de uma igreja una e indivisa ainda tem de ser realizada em nível congregacional.

O MCSA foi o maior a investir na educação africana antes da introdução da educação bantu, em 1955. As suas instituições foram alma-mãe para muitos dirigentes africanos, in-

cluindo Nelson Mandela. Uma pequena – mas importante – missão médica também foi retomada pelo governo apartheid.

### Uma Igreja atuante

Além de escola, creches e escola para refugiados, o metodismo se destaca pelo apoio aos excluídos. A Igreja Metodista Central em Joanesburg tem estado na mídia por oferecer refúgio para mais de 3 mil refugiados e desabrigados, principalmente do Zimbábue.

Numa reportagem do Jornal **O Globo**, um jornalista disse: “Todos os dias, ao fim da tarde, o largo da Igreja Metodista Central, de Joanesburgo, na África do Sul, começa a se encher de pessoas, que fogem da fome, da doença e da perseguição do regime zimbabueano de Robert Mugabe. O espetáculo, já rotineiro para os habitantes do centro de Joanesburgo, é, na verdade, a imagem mais nua e crua da tragédia humanitária no Zimbábue e em quase todo o sul de África: Homens, mulheres e crianças que procuram ajuda! Ajuda que lhes é dada pelo bispo metodista, Dr. Paul Verryn”.

Em 2011 acontecerá a Conferência do Concílio Mundial Metodista na África do Sul.

### FONTES :

- [www.oikoumene.org](http://www.oikoumene.org)
- <http://www.methodist.org.za>
- [http://en.wikipedia.org/wiki/Methodist\\_Church\\_of\\_Southern\\_Africa](http://en.wikipedia.org/wiki/Methodist_Church_of_Southern_Africa)
- [www.adca.org.br](http://www.adca.org.br)

# Pastor Jorge: recordações de 28 anos de ministério

Polyanna Spínola Dias

**A**os 76 anos, muitas são as recordações do pastor Jorge Ferreira de Souza, principalmente em sua vida ministerial de 28 anos “ininterruptos”, como ele faz questão de ressaltar. Casado há 53 anos com irmã Ivoni Cândido, com sete filhos e onze netos, hoje ele colhe os frutos de todo um investimento. Aposentado desde 2006, atualmente mora com a esposa Campo Grande, zona oeste do Rio.

Nascido no Rio de Janeiro, Jorge não foi criado em um lar evangélico, mas teve um encontro com Jesus na Igreja Metodista no Jardim Botânico, o que mudou sua vida e destino. “Foi nesta igreja que fui conduzido e apoiado por irmãos piedosos. Dentre muitos, destaco o jovem Ilídio Cristiano de Oliveira, amigo e companheiro, e a irmã Hora Diniz, na época regente do coral. Pelas mãos dela fui apresentado ao universo da música sacra. Tive o privilégio de acompanhar os primeiros passos na evangelização do Morro da Rocinha sob a liderança do

bispo emérito Cesar Dacorso Filho”, relembra.

## **Amor à primeira vista**

A vida sentimental tomou um novo rumo em Minas Gerais. Ele encontrou irmã Ivoni em Fazenda da Floresta, Juiz de Fora. “Foi na residência de Geraldo Cândido (irmão mais velho de Ivoni), um dos componentes do quarteto de gaitas harmônicas, que conheci aquela que viria se tornar minha namorada e posteriormente esposa”, recorda. Convertida ao Senhor aos 18 anos, ela conta que um dia estava orando pedindo a Deus um namorado enviado por Ele. “Ao conhecer o Jorge, foi amor à primeira vista”, declara. O casamento aconteceu em 5 de janeiro de 1957.

## **Chamado ministerial**

O chamado ministerial do pastor Jorge aconteceu durante a década de 60. Na ocasião, já estava casado com irmã Ivoni. Ele foi convidado pelo bispo Almir dos Santos para ser pastor, seminarista e, posteriormente,

pastor-evangelista. Para isso, teve de abrir mão dos trabalhos profissionais como autônomo. Ele contou com o apoio incondicional de toda a família nessa importante decisão. “Em especial, ressalto a parceria fundamental de minha esposa, pois sempre me trouxe tranquilidade para desenvolver meu pastorado”, lembra.

Por sua vez, irmã Ivoni lembra que, depois que o esposo passou a exercer o pastorado, a tarefa de acompanhá-lo foi difícil, mas também prazerosa e recompensadora. Assim como foi difícil criar os filhos acompanhando o esposo por diversos lugares. “Mas tive sempre a bênção de ser ajudada por Deus, que conduziu meus filhos todo o tempo, mantendo-os sempre a seus pés”, ressalta.

## **Ministério pastoral**

Pastor Jorge fundou a Igreja Metodista em Paulo de Tarso (Santa Margarida). Ele pastoreou também em Vila Vintém, Vila Kennedy, Magalhães Bastos, Jardim Novo Rea-



*Pastor Jorge com a esposa Ivoni, de quem veio apoio importante para o exercício do pastorado*

lengo, Jardim Catarina, Itaboraí e Jardim Damasco, totalizando oito igrejas.

Ele lembra que a maior dificuldade que enfrentou em todo este tempo foi financeira. Em Realengo, seu maior desafio estava ligado a sua pouca experiência. “Agora, ao final de tantos anos, sinto o mesmo entusiasmo dos primeiros dias de ministério pastoral. E vejo que o Deus que sirvo é fiel”, afirma.

Pastor Jorge também viveu uma experiência especial em Vila Vintém, quando foi batizado com o Espírito Santo. Ele conta ainda que foi curado de asma. “Frequentemente tinha crises

**“Agora, ao final de tantos anos, sinto o mesmo entusiasmo dos primeiros dias de ministério pastoral. E vejo que o Deus que sirvo é fiel”**

a ponto de ter que ser socorrido em hospitais. Deus me curou milagrosamente”, conta.

Mesmo com desafios e dificuldades, pastor Jorge incentiva os novatos. “A mensagem que deixo é a que se você

sentiu o chamado pastoral, não deixe entrar dúvida em seu coração. Faça o que você sente ser oriundo de Deus, ainda que apareçam barreiras em sua caminhada. Deus sempre prova a fé dos que foram chamados, e nunca deixa os seus trabalhadores sem ferramentas,” conclui.

Já irmã Ivoni fala às esposas de pastores: “Deus é fiel e verdadeiro, e nós somos escolhidas pelo Senhor para desempenharmos essa gloriosa e tremenda tarefa de darmos suporte às nossas famílias, como parte da coluna dorsal do ministério pastoral de nossos esposos, como mulher virtuosa!”.

# ADOÇÃO



Pegue esse **Bondê!**

## VII Encontro Estadual dos Grupos de Apoio à Adoção do Rio de Janeiro

Instituto Metodista Bennett  
17 e 18 de setembro de 2010

**Maiores informações:**

[www.eegaarj.org](http://www.eegaarj.org) - [eegaarj@globomail.com](mailto:eegaarj@globomail.com) - [gaa.anagonzaga@gmail.com](mailto:gaa.anagonzaga@gmail.com)

Fones: (21) 3147.0099 (Silvana) - (21) 2557.3542 R.4 (Rosemari)